

Apresentação do Dossiê Literatura e Presença

TANTOS ANOS SE PASSARAM, MAS O CORAÇÃO CONTINUA

As pessoas não morrem, ficam encantadas.

Guimarães Rosa

(...) era como se não houvesse a morte, como se o amor pudesse fundi-la, como se a eternidade fosse a renovação.

Clarice Lispector

Mas as coisas findas

Muito mais que lindas

Essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

Em fins de novembro de 1993, assisti em Roma à Entrega do Prêmio Literário União Latina, prêmio muito importante, concedido sempre a um escritor famoso em seu próprio país, mas que não tenha reconhecimento internacional devido à ausência de traduções. Naquele ano, o vencedor fora Ballester, um galego de 83 anos, simples e muito bem humorado, que começou seu discurso dizendo o seguinte: “Hoje, finalmente, posso recordar e dizer pra mim mesmo o segundo verso da primeira canção que aprendi em minha vida, ainda criança, nos braços de meu pai: “Le jour de gloire est arrivé!”

Lembro que, naquele instante, de tudo, o que me chamou mais a atenção foi a palavra RECORDAR. E enquanto ele seguia seu discurso, eu fiquei parada ali, pensando que, de todas as propriedades do ser humano, a mais fantástica talvez fosse mesmo a de poder recordar-se: trazer de volta ao coração – para os antigos o centro das emoções e do pensamento –, fatos, gestos, palavras. Pessoas. Não é por acaso que um dos mais belos filmes de Fellini chama-se *Amarcord*, que quer dizer *eu me lembro*, e atravessa de leveza e fascínio toda a infância e adolescência de Federico.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

São versos que bem demonstram a sedução exercida pela memória, o seu poder encantatório, o papel por ela desempenhado na conservação de certos momentos do passado.

Hoje, aqui estamos para comemorar, juntos, o que já é uma redundância, os quarenta, trinta e vinte anos sem João, sem Clarice e sem Carlos, respectivamente. E o verbo que, à primeira vista, lembra festa (afinal, sempre se sentiu necessidade de alimentar por meio da festa a recordação de algumas datas), significa que juntos aqui estamos a recordar, trazendo de volta ao coração – como quer a palavra –, os autores cuja morte, sobrevinda em 1967, 1977 e 1987, silenciou as vozes que, todavia, escutamos.

Precisamos ainda considerar que esses autores não são conhecidos apenas daqueles que escrevem ou vivem a literatura. Tomemos, por exemplo, Drummond. Na Folha de S.Paulo do dia 18 de agosto de 1987, Nelson Ascher escreve que se houve neste século um escritor capaz de se tornar, para o maior número possível de brasileiros, sinônimo de poeta, esse escritor foi CDA. E é verdade. De certo modo, Drummond – poeta do finito e da matéria –, possuía a capacidade rara de dar voz, por meio de seus versos, ao homem comum. Qualquer homem ao meio-dia em qualquer praça. Todos se reconheciam em sua canção amiga. Ao seu enterro estiveram presentes cerca de quinhentas pessoas: intelectuais, políticos, parentes, amigos, estudantes, professores, leitores e os moradores do Morro da Mangueira, cuja Escola de Samba prestara naquele mesmo ano homenagem ao poeta com o enredo *No Reino das palavras*, conquistando o primeiro lugar na avenida.

E só porque estamos juntos e temos sentimentos semelhantes em relação a esses autores, como saudade e alegria e, por que não dizer, cumplicidade – por repartirmos com eles emoções na leitura de seus textos –, nós expressamos essas coisas por meio das mesmas palavras quase. É por isso que essa breve apresentação se intitula *Tantos anos se passaram, mas o coração continua*, referência clara a verso de Drummond. De tal título ainda posso dizer que alude a algo só na aparência absolutamente óbvio: o da continuidade de um autor – além da morte –, por meio do que escreveu.

Essas são, enfim, algumas palavras que não têm a pretensão de falar de João, de Clarice ou de Carlos, mas tão-somente a de justificar o motivo da escolha temática da Revista **Cerrados**: a presença, aqui, desses três autores da literatura brasileira e a homenagem que a eles prestamos por ocasião do aniversário de morte de cada um deles, por meio da edição de três números diversos da Revista: *Literatura e Presença: Clarice Lispector*; *Literatura e Presença: Guimarães Rosa e Literatura*; e *Presença: Carlos Drummond de Andrade*. Aqui temos o primeiro número e os outros dois serão publicados,

respectivamente, no primeiro e segundo semestres de 2008. O motivo da divisão em três números deveu-se à grande quantidade e, principalmente, à qualidade dos artigos recebidos.

Têm a Palavra, pois, os nossos colaboradores: todos aqueles que quiseram, de algum modo, expressar sua admiração pelos escritores que – na poesia e na prosa –, souberam, de modo extraordinário, revelar a essência da linguagem.

Vamos, não chorem...

João, Clarice e Carlos estão mortos

Quarenta, trinta, vinte anos se passaram

mas o coração – o deles, o nosso – continua.

Elizabeth Hazin

Brasília, 17 de agosto de 2007.